



Significados de experiências de devoção: a crença em anjos

Meanings of devotions experiences: the belief in angels

Marília Ancona Lopez

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade Paulista
Brasil

Resumo

Fundamentado em uma perspectiva fenomenológica, este trabalho visa compreender os significados de experiências de devoção. Para tanto, analisa a crença em anjos. Foram entrevistadas pessoas que relataram experiências de contato com um anjo. Os colaboradores apresentaram-se espontaneamente, a partir da divulgação da pesquisa. A análise dos relatos mostrou que a experiência é vivida como exposição a uma alteridade, ocorrendo a ampliação dos horizontes de tempo e espaço e dos limites corporais. Nessa experiência, prevalecem as emoções e o conhecimento intuitivo.

Palavras-Chave: Psicologia e Religião; Psicologia Fenomenológica; Psicologia Clínica

Abstract

Based on a phenomenological perspective, this paper intends to understand the meanings of devotions experiences, more specifically the belief in angels. It aims to acknowledge the experiences lived by those that had an interaction with angels. The interviewees voluntarily presented themselves for participation in this research. Analysis of the narratives pointed out that such experiences were lived as an exposure to otherness, occurring a horizon expansion on time, space and body limits. There was also a prevalence of emotions and intuitive knowledge.

Keywords: Psychology and Religions; Phenomenological Psychology; Clinical Psychology

1. Introdução

No livro "A representação na religião: perspectivas psicológicas", Monique Augras (2004) utiliza uma noção de campo que inclui as relações dinâmicas e conflitantes e as tensões sociais. Ela discute a interação de duas ordens de fenômenos: as heranças "arcaicas" caracterizadas como a presença de antigos costumes devocionais e os comportamentos "consumistas" atuais. A autora mostra que esses processos, que se reforçam mutuamente, são marcados por três aspectos: a) o individualismo, em que o devoto pede a ajuda do santo para resolver seus problemas o mais rapidamente possível; b) o espetacular, no qual a mediação dos santos é substituída pela mídia, e c) o consumo, que leva à criação incessante de novos produtos. Esses processos são exemplificados por meio da análise das devoções da "moda", como a devoção a Santo Expedito, a Nossa Senhora dos Nós e a Nossa Senhora da Segurança. Para Augras (2004), essas práticas devocionais bordejam o campo da magia e, mesmo quando denunciadas como exploração da sentimentalidade e do dinheiro, geram a adesão sôfrega do público. Augras (2004) conclui que, quer se trate de magia do consumo e da publicidade, ou do reaparecimento de antigas tradições, é o atendimento concreto do desejo que aciona essa dupla via, juntamente com a exigência de satisfação imediata.

O texto de Augras (2004) expõe os diferentes caminhos e formas que tomam as devoções de moda, como o surgimento de um comércio de balangandãs e de santinhos, e carrega implicitamente uma desqualificação dos devotos que aderem a essas devoções, apresentadas como uma negociação imediata ou uma simples efusão de sentimentos. A própria autora parece reconhecer a desqualificação implícita em seu texto ao dizer: "não



queremos aqui menosprezar a angústia dos devotos, em sua necessidade de encontrar soluções para os males que os afligem” (Augras, 2004, p. 203).

A análise da autora desenvolve-se no âmbito da Psicologia Social e levanta questões quando confrontada com uma visão clínica. Na clínica, o psicólogo está atento ao sofrimento das pessoas e busca reconhecer os inúmeros significados que as práticas devocionais adquirem em suas vidas, dificilmente redutíveis a simples efusões de sentimento ou a meros atos de imediatismo.

O estímulo e a exploração do mercado certamente incidem nas escolhas e formas devocionais, mas ao psicólogo clínico interessa compreender como se dá a experiência religiosa e os significados atribuídos ao vivido. O texto de Augras motiva, portanto, a investigar o tema a partir de uma perspectiva que se volte à experiência intersubjetiva de pessoas devotas.

Esse é o objetivo desta pesquisa: compreender as experiências de devoção a partir dos significados que adquirem no psiquismo de cada pessoa. Ela se desenvolve nos horizontes da Psicologia Fenomenológica e toma os anjos como o objeto de devoção a ser estudado.

1.1 A psicologia fenomenológica

A Fenomenologia é um movimento filosófico proposto por Husserl (1907/1986) na passagem do século XIX para o século XX. O modo de pensar desenvolvido por Husserl e seus seguidores influenciou fortemente o campo das ciências humanas, resultando, entre outras, em maneiras peculiares de considerar a Psicologia. Alguns desses modos de pensar se aglutinam sob o título de Psicologia Fenomenológica.

Os conceitos da Fenomenologia, quando considerados no contexto da Psicologia, sofrem a influência do pensamento da área, ficam sujeitos a diferentes interpretações e articulações e terminam por adquirir configurações próprias. Consequentemente, o modo de pensar em Psicologia Fenomenológica nem sempre corresponde estritamente aos conceitos desenvolvidos por Husserl e pelos filósofos fenomenólogos.

No domínio da Psicologia Fenomenológica, convivem inúmeras vertentes, mais ou menos articuladas teoricamente. Elas têm em comum o fato de valerem-se de conceitos originados da Fenomenologia, que podem ser reconhecidos mesmo se inseridos em diferentes tramas e estruturas de pensamento.

Este artigo parte de alguns pressupostos da Psicologia Fenomenológica advindos da fenomenologia husserliana. Eles dão contorno ao desenvolvimento da pesquisa realizada. A sua apresentação, apesar de fazer referência a alguns filósofos, situa-se na perspectiva da Psicologia Clínica, coloca-se ao lado de autores originados da tradição fenomenológica humanista como Forghieri (2007) e Amatuzzi (2008) e dialoga com autores de outras abordagens e áreas.

A intencionalidade é tomada como referência básica para pensar o homem e o conhecimento. Intencionalidade refere-se à unicidade consciência e objeto da consciência, que se constituem mútua e simultaneamente, de tal maneira que não é possível falar de consciência sem objeto, ou de objeto que não se dê na consciência. Nessa constituição, estão implicados os atos de consciência, as estruturas próprias e universais do ser humano: sensações corpóreas, percepções, imaginações, sonhos, enfim, os atos pelos quais o homem se constitui, configura o mundo e o significa. Por essa razão, o campo intencional não é puramente subjetivo ou puramente objetivo, não é concretamente real ou apenas imaginário. Nele, os fenômenos apresentam-se e as vivências simultaneamente criam e integram as dimensões do real e da subjetividade em uma unicidade e totalidade.

O homem continuamente integra a si e ao mundo e está em um contínuo processo de vir a ser, sempre em busca de uma totalidade maior e mais completa. Nesse processo, ele antecipa a morte e interroga-se sobre o sentido último de sua existência.

A totalidade com que os fenômenos se apresentam à consciência e a sua constituição pré-reflexiva caracterizam um conhecimento intuitivo, um “a priori”. O apresentar-se de qualquer fenômeno à consciência já é um modo de conhecer e carrega em si todas as



infinitas possibilidades das compreensões reflexivas. É experienciando, agindo, falando e refletindo sobre o que vive que o homem produz um conhecimento passível de ser compartilhado.

Husserl (1935/2006), refletindo sobre o conhecimento e as possibilidades de conhecer, fala que o homem pode aproximar-se da essência dos fenômenos, aquilo que faz com que eles sejam o que são, por meio do método fenomenológico. No entanto, não é essa a tarefa a que se propõem os psicólogos clínicos.

Na clínica, a intenção de conhecer as essências, as estruturas universais dos fenômenos, não prevalece. O trabalho do psicólogo clínico é realizado de forma contextualizada, buscando o sentido, o significado das experiências para quem as vive.

Na clínica, paciente e terapeuta debruçam-se sobre as experiências como surgem na interação, como se apresentam no contexto terapêutico. Em outras palavras, o psicólogo clínico busca compreendê-las tal como se dão concretamente na vida das pessoas, entendendo-as enquanto vivências que envolvem os atos de consciência, a percepção, a imaginação, os sentimentos, os sonhos, as fantasias, as lembranças e que adquirem significados nos horizontes do espaço, do tempo, da cultura, da linguagem, do corpo e da história de cada um.

É no horizonte espaço-temporal que as experiências humanas podem ser compreendidas e é nelas que se desenvolvem os pensamentos e as reflexões. Merleau-Ponty (1945/1973) refere-se especificamente ao pensar em anjos quando quer mostrar o que é a intencionalidade e como os princípios do pensamento são coextensivos a tudo o que podemos afirmar. Para ele, se quiséssemos supor outros princípios, eles seriam sempre submetidos aos nossos, sem o que nada significariam para nós. Coloca Merleau-Ponty (1945/1973):

Se os anjos são verdadeiramente pensados por nós – e é preciso que o seja, sem o que seríamos incapazes de argumentar sobre eles – só podem ser pensados como pensadores se se conformarem às leis mesmas do nosso próprio pensamento. Um anjo que pensasse segundo leis radicalmente diferentes das leis do pensamento humano, tornando-as assim dubitáveis, este anjo não poderia ser pensado por mim. Concebê-lo é nada conceber (p. 24).

Merleau-Ponty (1945/1971) conceitua o homem como jogado em um mundo que o antecede buscando compreendê-lo e compreender a si mesmo. No mundo natural, na realidade compartilhada, cotidiana, na qual está imerso e que já encontra pronta, o homem incorpora linguagens, símbolos, significados e os recria em sua história. É assim que os fenômenos presentes na cultura, conforme se apresentam no campo intencional, enraízam-se em cada um e vão se tornando constituintes do seu modo singular de ser.

Consequentemente, os ataques aos objetos carregados dos significados que nos constituíram ameaçam o nosso modo de ser, a nossa possibilidade de unicidade, a nossa integridade, causando sofrimento psíquico. Os ataques à nossa pessoa, à nossa história pessoal ou à cultura na qual vivemos constituem ataques a nós mesmos em nosso todo. E é nessa perspectiva que incide a desqualificação das crenças religiosas nas quais crescemos e que incorporamos.

1.2 A religião

A religião é um fenômeno multidimensional. Um sistema de crenças, ritos, personagens e símbolos que expressam certa compreensão do sentido da vida e estruturam princípios e valores, propondo modos de viver para a comunidade e para o indivíduo.

Winnicott (1958/2000) e alguns de seus seguidores consideram que as experiências religiosas se dão em um espaço transicional, intermediário entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo. Embora o conceito de espaço transicional não coincida com o de intencionalidade, ele não colide com a perspectiva fenomenológica na medida em que, na conceituação dos dois campos, objetividade e subjetividade não se distinguem e é neles



que o ser humano se constitui. Nesse sentido, a contribuição de alguns autores winnicottianos é interessante para pensar a experiência religiosa no contexto clínico.

Rizzuto (1996) considera que a pessoa, quando nasce, não tem opção a não ser a de estar envolvida nas crenças e valores religiosos implícitos ou explícitos dominantes em sua cultura. Ela faz um paralelo entre a internalização do universo religioso e a aquisição da linguagem, lembrando que, ao aprender uma língua, a criança perde o potencial genético para pronunciar sons de outras línguas. Para a autora, um fenômeno similar tem lugar na internalização das crenças e práticas religiosas.

Rizzuto (1996) e Aletti (2005) entendem as experiências religiosas a partir dos conceitos winnicottianos de ilusão, objeto transicional e fenômeno transicional. A ilusão é compreendida não como falseamento, mas como elemento de constituição da realidade, como engendramento que se dá em uma área intermediária entre a experiência subjetiva e a realidade externa. Para Winnicott (1958/2000), essa área transicional, intermediária da experiência, constitui a maior parte da vivência infantil. Durante a vida, retemos essa experiência intensa e a revivemos como espaço potencial no campo das artes, da religião, do viver imaginativo e do trabalho científico criativo.

Para Forghieri (2007), o nosso espaço psicológico se constitui ao longo de nossas vidas e nele encontramos objetos e personagens, que caracterizam o modo próprio de cada um estar no mundo.

A amplitude do espaço psicológico é dada pelas infinitas possibilidades de nossos atos de consciência. Ele é passível de tal alargamento que ultrapassa os limites de nosso próprio corpo e do ambiente que nos circunda, estendendo-se no tempo e incluindo experiências e personagens constituídos por nossas emoções, memórias e sonhos. Nele coexistem vivos e mortos, seres visíveis e invisíveis.

A poesia, a arte e a religião refletem a amplitude de nossos espaços psicológicos. Elas integram os diferentes atos de consciência e, por isso, configuram sentimentos e sensações que ultrapassam as palavras e restauram vivências iniciais. Recriando imagens, objetos e personagens, os artistas e os religiosos não se limitam ao mundo compartilhado, mas o desafiam e modificam, incluindo no seu cotidiano as possibilidades transformadoras do potencial criativo. Por essa razão, a arte e a religião incluem, no espaço cultural, personagens impossíveis de serem aceitos por caminhos estritamente racionais.

A realidade sagrada, como diz Rizzuto (1996), não é diretamente perceptível. Ela é aludida, mencionada, celebrada, temida, apelada, perseguida, mas não está nunca aí para ser vista ou apreendida pelos sentidos. Em seu espaço é possível criar, de forma culturalmente integrada, objetos e personagens.

É o caso dos anjos, fartamente presentes na arte, nas religiões e nas devoções pessoais, em diferentes culturas.

1.3 Os anjos

Os anjos são encontrados em textos de diferentes períodos da tradição judaica, da tradição greco-romana e do Novo Testamento com o significado genérico de "mensageiros" ou "enviados". Eles desempenham diversas tarefas, de proteção ou destruição, entre outras. Mais precisamente, os anjos são considerados seres celestes mediadores entre os homens e o divino. O movimento New Age, nos anos 90, retomou fortemente o tema dos anjos no que foi seguido por livros de autoajuda. O site www.Amazon.com, em 2009, apresentava 2.837 títulos de livros obtidos a partir do termo "anjos" e 461.400 a partir do termo em inglês "angels".

Na tradição judaico-cristã, os anjos oferecem-se para um relacionamento pessoal na medida em que a cada pessoa é atribuído um Anjo da Guarda que a acompanha durante toda a vida. Sullivan (2004), estudando a relação entre os anjos e os homens na tradição judaica e nos primeiros anos do cristianismo, mostra que os reinos dos céus e da terra são concebidos como separados e os anjos são os únicos seres regularmente habilitados a cruzar os dois reinos. Eles ultrapassam os limites do céu e da terra, ficam diante do trono de Deus e comunicam-se com os homens.



Os anjos, na Bíblia, assumem com frequência formas antropomórficas. Nesses casos, a exposição da natureza angélica exige algumas condições. O homem deve estar em um estado de pureza e oferecer hospitalidade, compreendida como uma recepção amigável e generosa, com oferta de cama, comida e lavagem dos pés. Como resposta, os anjos revelam quem são, dão avisos, curam, protegem e podem até mesmo viver com os homens o dia a dia da sua comunidade.

A natureza dos anjos, no entanto, é sempre distinta da natureza humana, embora em casos muito excepcionais, alguns poucos e seletos homens recebam atributos angélicos. Na liturgia, os anjos estão sempre presentes. O espaço litúrgico aparece como o local no qual homens e anjos podem interagir e o fazem. As esferas do céu e da terra, dos homens e dos anjos estão em contato na liturgia, o que, de algum modo, possibilita a transcendência humana.

Essas referências aos anjos evidenciam todos os elementos do engendramento criativo no espaço intencional. O anjo nunca será totalmente imaginário, mas nunca será totalmente real, pois não é visível e não pertence ao mundo de nossa percepção. No entanto, ele pode se fazer perceptível sob outras formas. Assim, na Bíblia, o anjo pode compartilhar a vida do homem, mantendo sempre uma natureza escondida. A revelação de sua natureza angélica desaloja o homem do mundo natural, abrindo-o para a dimensão do sagrado.

2. A pesquisa: objetivo e método

Para a escolha dos colaboradores da pesquisa, inicialmente, divulgou-se, de modo informal, o interesse em pesquisar a experiência de contato com um anjo, junto a alunos e em situações sociais, durante sete dias seguidos. Quem quisesse participar, poderia se apresentar. Quatro pessoas entraram em contato espontaneamente na mesma semana, dizendo que haviam visto anjos e dispondo-se a conversar sobre a experiência.

Os quatro colaboradores eram pessoas adultas, entre 30 e 45 anos, profissionais com nível superior, três mulheres e um homem, que aqui serão tratados com os nomes fictícios de Joana, Helena, Lúcia e Pedro. As três mulheres declararam-se católicas e Pedro disse que, embora tivesse crescido em uma família católica, era "espiritualista". Foram marcados encontros separados com cada um deles em ambiente tranquilo, no qual não haveria interrupções. O objetivo da entrevista foi explicado, com todas as informações exigidas pelos princípios da ética em pesquisa. Foi solicitada a assinatura do termo de anuência e garantido o sigilo. As entrevistas foram gravadas.

Posteriormente, as fitas foram ouvidas integralmente, mais de uma vez, observando-se as falas que permitiam compreender o processo vivido durante a experiência. Foi elaborado um relato descritivo para cada uma das entrevistas, ouvindo-se novamente, quando necessário, os trechos mais importantes.

A análise foi desenvolvida tendo por eixo os movimentos reconhecidos como característicos da experiência estudada, de contato com um Anjo, apresentando-os a partir da colocação dos entrevistados, do diálogo com autores e de referências religiosas. Ela privilegia os horizontes de significação considerados fenomenologicamente: o espaço, o tempo, o corpo e o outro.

Na pesquisa em Psicologia Fenomenológica, a participação da subjetividade do pesquisador tem papel proeminente. Se, em um primeiro momento, ela é suspensa a fim de possibilitar a abertura para o relato, em um segundo momento, o fato de ser afetado pela experiência do outro compõe a compreensão que se desenha na análise. Em consonância com a perspectiva adotada, as dimensões de significação, ou seja, o mundo natural, o espaço, o corpo, o tempo foram considerados entre outros elementos que se salientaram nos relatos. Da mesma forma, referências culturais, lembranças e associações se fizeram presentes, assim como colocações de outros autores sobre o tema. Nesse diálogo entre sujeitos, pesquisador e comunidade, configurou-se uma forma possível de compreender a experiência pesquisada. No caso, as referências e os autores com os quais se estabeleceu o diálogo pertencem à tradição cristã, horizonte cultural comum aos sujeitos e ao pesquisador. Como lembra Vergote (2006), as experiências do



sagrado ocorrem “dentro de um dado sistema simbólico de referências religiosas que tem uma influência na estruturação e direção do acontecimento religioso” (p. 144). Foram acrescentadas à análise, ainda, referências poéticas, considerando que a arte, tal como a religião, amplia a compreensão para além da dimensão racional.

2.1 Síntese dos relatos: Joana, Helena, Pedro e Lúcia

2.1.1 Joana

*É no sonho que voltam para dar testemunho,
Insistentes e fustigados,
Batidos de halo e nimbo, uma legenda só: pungência pura.
O que sempre falam, as palavras não dizem.
(Adélia Prado, 1991, p. 265).*

Joana é administradora e atua em empresa. Sua família é católica e frequenta a igreja. Ela foi muito religiosa quando criança. No seu quarto, havia uma imagem de um Anjo da Guarda protegendo uma menina. Sempre que saía de casa, sua avó dizia “que o teu Anjo te acompanhe”. Para ela, o Anjo da Guarda faz parte do universo religioso e nunca se interrogou muito sobre ele. Joana diz que “um Anjo apareceu em seu sonho”. Ela não tem dúvidas de que não se tratou de um sonho comum, mas sim de uma “aparição”. Conta que no sonho conversava com uma colega sobre uma situação insólita que vivia em seu trabalho, pois tinha que enfrentar tarefas novas e difíceis para as quais não se sentia preparada. A amiga disse que a ajudaria, mas sua preocupação não diminuiu, pois sabia que a amiga também não tinha as competências necessárias para fazer frente ao desafio profissional. Nesse instante, relata Joana, observou que do lado direito, abria-se uma paisagem e ali estava um Anjo. Ele olhava para elas com um sorriso, considerando ingênua toda a preocupação. Sem falar, garantia a Joana que ela tinha condições de fazer frente ao novo trabalho e que ele a acompanhava. Ele a olhava como se ela fosse uma criança incapaz de ver o resultado de suas ações. Imediatamente, Joana sentiu-se tranquila, um calor suave espalhou-se pelo seu corpo, acordou consciente do ritmo de sua respiração e da presença do Anjo.

No dia seguinte, contou para a amiga o sonho. Ela também ficou contente e impressionada, disse que tinha certeza de que era um Anjo, pois sua mãe, que havia morrido, aparecia às vezes em sonhos para ela e, nesses sonhos, sabia que era verdadeiramente a mãe que estava lá. Joana relatou que era um Anjo e não apenas um personagem do sonho porque ele se destacava do quadro, estava lá, mas não era do sonho, era “de outro lugar”. Ele era brilhante e tinha a forma clássica de um anjo, um jovem de cabelos semilongos, vestes brancas, asas e um halo na testa. Ele “vinha de outra dimensão” diferente do restante do sonho e de certa forma “entrava no seu sonho”, aparecendo na paisagem que surgiu na sala em que conversava com a amiga. O Anjo não precisava falar, pois ela sabia o que ele dizia. Da mesma forma, ela também não precisava falar, ele sabia o que ela estava pensando. O seu conhecimento era maior do que o dela, pois ele via adiante no tempo e previa o que ia acontecer com segurança e, portanto, ela podia confiar nele. Por causa desse sonho, Joana pegou um Anjo de vidro que tinha em sua casa e levou-o para sua mesa de trabalho. Muitas vezes, ela olha para o Anjo e sente-se reasssegurada. Sua amiga, quando vai falar com ela, olha para o Anjo e ambas se sentem mais íntimas por compartilharem essa crença na visita do Anjo em sonho.

2.1.2 Helena

*O poder que eu quisera é dominar meu medo.
Por este grande dom troco meu verso, meu dedo,
Meus anéis e colar.
(Adélia Prado, 1991, p.213).*



Helena também sentiu a presença do Anjo em sonho. Ela é economista, casada, tem dois filhos adolescentes e, embora não frequente a igreja, considera-se religiosa. Acredita em Deus e nos anjos e na vida da alma depois da morte. Trabalha em uma multinacional e viajou sozinha, a trabalho, para fora do país, por uma semana. Em uma noite, estava dormindo em seu hotel, "um sono sem sonhos", quando repentinamente "abriu-se um vácuo no seu sono como um túnel e por ele veio descendo com muita rapidez, um Anjo". Ela viu com toda a clareza o rosto do Anjo. Rosto de homem, de olhar penetrante, uma presença forte e poderosa. Ele se aproximou, ficou diante dela, olhando-a e aguardando que ela o olhasse de frente. Ela compreendeu que ele esperava um sinal, mas não conseguiu encará-lo, pois teve medo do que ele faria. Ela não sabe dizer o que aconteceria, pensa que poderia ser "transportada" ou até morrer. Sentiu que seria algo muito forte, contra o qual não teria defesa e que a mudaria para sempre. Deu um grito e acordou com o próprio som, o coração disparado.

Conta que, embora isso tenha acontecido há mais de 10 anos, tem a cena muito vívida em sua memória, revê com clareza o rosto do Anjo perto do seu, e isso a perturba muito, pois não sabe se deveria ou não ter olhado os seus olhos, fosse o que fosse que ele fizesse. Sabe que não se entregou à sua ação e se surpreende muitas vezes esperando que ele volte. Ela deseja que ele venha de novo, mesmo que seja na hora de sua morte para que tenha a oportunidade de entregar-se. Pensa que era um mensageiro e qualquer que fosse a sua intenção seria para o bem, mas ela não estava pronta para recebê-lo e enfrentar as consequências do que ocorresse. A partir dessa experiência, pensa que não teve coragem para confiar em Deus. Várias vezes se surpreende, em museus, a espiar o rosto dos anjos, para ver se encontra aquele que a visitou, o que faz, também, quando olha livros de arte.

2.1.3 Pedro

Rafael é o anjo da cura. O nome Rafael significa "Deus cura". Rafael é o padroeiro dos médicos, mas também dos andarilhos. Rafael acompanhou o jovem Tobias em suas peregrinações pela Média. A adoração do santo Rafael mostra que não está na mão dos médicos o fato da cura. Nela contribui sempre um poder divino, e do lado está um anjo que realmente cura o doente.

(Anselm Grün, 2005, p. 68).

Pedro é advogado e é espiritualista. Não teve formação religiosa específica, mas sua família era católica e frequentava a igreja em ocasiões especiais como Natal e Páscoa, batizados, casamentos e enterros. Quando jovem, interessou-se pelas religiões, frequentou sessões espíritas, de umbanda e um centro de espiritualidade oriental, no qual aprendeu a meditar, o que faz quando fica muito tenso. Acredita na existência de anjos e de espíritos, energias maiores "às quais as religiões dão diferentes nomes". Pedro conta que estava lendo jornal em sua sala, quando ouviu um "farfalhar", sentiu o ar leve e vislumbrou uma presença às suas costas. Virou-se e viu um Anjo de pé mexendo com as mãos como se estivesse fazendo algo no meio de suas costas, através da poltrona e da roupa. Era jovem com uma expressão compenetrada, gestos lentos e ele entendeu que se dirigiam para seus rins. Achou que uma energia de proteção estava sendo aplicada em um de seus rins, embora não sentisse nada, nem o rim, nem a energia e não tivesse nenhuma doença. Logo o Anjo desapareceu. Ele ficou impressionado, entendeu que precisava cuidar de sua alimentação e fez um *check up*, considerando que o Anjo estava a seu lado nesses momentos. Sua saúde estava ótima. Ele pensa que, se não fosse o Anjo, talvez tivesse alguma doença renal, mas, que ela foi prevenida pela sua intervenção. Depois disso, quando vai comer, tem a sensação de que o Anjo se faz presente por instantes, como um alerta. Ele comprou um livro para saber o nome de seu



Anjo e ficou muito surpreso ao ler que o Anjo do dia do seu nascimento é um “anjo de cura”. A partir daí, comprou outros livros sobre anjos e procura “a luz deles ao meditar”.

2.1.4 Lúcia

*Anjinho da Guarda, minha companhia, cuida de minha
alma de noite e de dia.*

(oração popular)

Lúcia tem 30 anos, é arquiteta e tem dois filhos pequenos. Conta que, depois que teve filhos, passou a rezar com mais frequência por eles e por sua família. Quando criança, Lúcia tinha um travesseiro com a frase “Anjinho da Guarda, minha companhia, cuida de minha alma de noite e de dia” e ensina essa oração para os seus filhos. Lúcia estava brincando com as crianças no quarto em uma manhã. De repente, sentiu um perfume de flor ao seu lado e soube que um Anjo estava lá, com eles. Ela não viu o Anjo com os olhos, mas, não sabe como, vislumbrou o Anjo, como a forma de uma pessoa feita de névoa, mais clara do que o ar, flutuando em câmara lenta. Disse que era “como uma imaginação que via algo verdadeiro”. Continuou brincando com os filhos e sentiu muita calma e alegria. Quando viajaram de férias, encontrou em uma feira de artesanato os travesseirinhos com a Oração do Anjo e os comprou. Ao ver os travesseirinhos nas camas ela sabe que o Anjo está por lá, o que faz com que se sinta tranquila em relação ao futuro dos filhos.

3. Análise das entrevistas

3.1 A interrupção do cotidiano

Nos quatro relatos, os anjos interrompem o desenrolar de uma situação conhecida e cotidiana, tanto no estado de sono quanto no de vigília. Joana e Pedro estão dormindo. Joana tem um sonho usual “apenas um sonho” e ele é interrompido por um personagem reconhecido como um anjo. O modo como ela vê o Anjo não é o mesmo com o qual vê os outros personagens do sonho. Joana distingue o Anjo como uma aparição. Helena está dormindo um sono “normal” quando o horizonte do sono é interrompido espacialmente por “uma abertura como um túnel de vácuo” através do qual um Anjo se aproxima. Pedro e Lúcia estão em atividades corriqueiras, ele lendo o jornal e ela brincando com os filhos. As atividades são interrompidas por imagens, perfumes e ruídos que não fazem parte da situação cotidiana.

Joana, Helena, Pedro e Lúcia falam de algo que não se apresenta no mundo em que vivem todos os dias, no seu mundo natural, compreendido fenomenologicamente como aquele que tomamos por dado e sobre o qual não nos interrogamos. São os ruídos, as imagens, as relações, as sensações corporais, as lembranças, os pensamentos e as percepções que fazem parte de nossa realidade “normal” e compartilhada com as pessoas de nosso meio. A visão dos anjos, embora composta por elementos do dia a dia (a névoa, a cor, as asas, a figura humana, o olhar, a luz, o halo, o perfume de flores etc.), rompe o mundo natural apresentando qualidades e potencialidades que ultrapassam as possibilidades humanas rotineiras. A presença dos anjos se dá em horizontes de significação ampliados.

3. 2 Horizontes ampliados

3.2.1 O tempo

Quanto tempo dura a noite?

Meu cavalo perguntou.

O tempo é de Deus, eu disse.

(Adélia Prado, 1991, p.63).



A interrupção do modo de viver usual provocada pela presença do Anjo caracteriza-se pela alteração da coordenada do tempo no qual significamos rotineiramente nossas experiências.

O tempo altera-se tanto em termos de velocidade quanto de extensão. O olhar do Anjo para Joana "vê muito além do presente, vê adiante, o futuro, sabe como vai ser" e por essa razão olha para ela com condescendência, reconhecendo sua limitação humana e o sofrimento dela decorrente.

Pedro também vê o Anjo em outro registro de tempo. Ele pode prever e modificar o futuro, como impedir que uma doença aconteça. Pedro sente-se acompanhado pelo Anjo e, em vários momentos, como quando vai comer, o Anjo "indica" alimentos saudáveis. São rápidos instantes em que o Anjo se faz presente como um alerta que apenas ele reconhece. O tempo de Pedro é atravessado verticalmente pelo tempo do Anjo que, sabendo mais do que ele, incide em suas escolhas.

Na experiência de Lúcia, o tempo do Anjo ganha extensão, une o seu passado e o seu presente. O Anjo que "cuida de minha alma de noite e de dia" aparece quando ela brinca com os filhos e Lúcia vê no seu olhar "o transcorrer da sua vida desde a infância até agora e a vida dos filhos de agora em diante". É nesse fluxo que o Anjo insere o momento presente do brincar. Pelo olhar do Anjo, ela vê o tempo transcorrido em sua vida como bom e avalia sua família. O Anjo une presente, passado e futuro, trazendo alegria e plenitude. Ele vive na totalidade temporal e por isso o seu movimento é em câmara lenta, não tem pressa, "vem do infinito e vai para o infinito".

Já Helena sente ter "perdido o momento", "ter deixado passar a oportunidade" de algo que ela não sabe o que é, e que por isso mesmo não pode suportar. Ela sente culpa pela falta de coragem para olhar o Anjo e se pergunta sobre tudo o que poderia ter acontecido. Agora, procura "ter mais confiança em Deus" e gostaria de reviver essa experiência do passado de outra maneira. Sente que a sua vida presente seria diferente se tivesse olhado nos olhos do Anjo.

A duração do momento em que Joana, Helena, Pedro e Lúcia veem o Anjo é relatada como um longo instante que durou, porém, apenas segundos, nos quais estão em contato com um outro tempo dentro do tempo.

3.2.2 O espaço

É claro que nenhum lugar é pequeno para o anjo, nem muito grande, nem muito longe, porque os anjos não têm necessidade de encolher-se para entrar em um lugar, nem abrir os braços para abarcar mais espaço.

(Tomás de Aquino, 1265-1273/1962, p. 95).

O espaço em que o Anjo aparece apresenta-se como alargamento e abertura. Sua presença circunscreve, como com o tempo, um outro espaço dentro do espaço do mundo natural. Para Pedro, o Anjo faz parte de um mundo espiritual que age no mundo humano. Em suas palavras, existe "um mundo espiritual que não é nosso e que não alcançamos, mas que podemos perceber quando ele se mostra, como foi com o Anjo que apareceu para mim." O Anjo de Helena, por sua vez, vem dos "confins do firmamento", de outra dimensão, gerando o paradoxo do grande dentro do pequeno.

Alargando o espaço, a presença do Anjo possibilita que Joana, Lúcia e Pedro experimentem simultaneamente as duas dimensões, a sua e a do Anjo. Eles transcendem o espaço humano no qual se encontram sem sair dele e ocupam um outro lugar, a partir do qual podem ver a si mesmos. O Anjo também se encontra nos dois espaços. Mantendo-se em um nível sagrado, ele se mostra no nível dos homens e assim se deixa perceber. Mostrando-se, o anjo concretiza para quem o vê outra possibilidade de ser e de estar no mundo, permite que a pessoa entre em contato com um "eu cosmológico", uma dimensão da existência humana que participa de uma realidade mais vasta.



3.2.3 O corpo

*Como quem treina para ver a Deus,
Olho a curva do lábio, a testa,
O nariz afrontoso.*

(Adélia Prado, 1991, p.346).

O Anjo apresenta-se com um corpo semelhante e distinto do corpo humano. Sua estrutura é a de uma pessoa; rosto, tronco, braços e movimentos são como os dos humanos. Nessa forma, ele é reconhecido como semelhante, em um sentimento de empatia. Assim, o Anjo de Helena tem rosto de homem e olhar penetrante, o de Pedro tem expressão compenetrada e executa sua tarefa com as mãos, o de Lúcia tem forma humana e movimenta-se lentamente, o Anjo de Joana é um jovem de cabelos semilongos que olha e sorri. A estrutura corporal com a qual os anjos se mostram gera um reconhecimento imediato, anterior a qualquer raciocínio, na qual o corpo do outro surge, nos termos de Merleau-Ponty (1945/1971), como um analogato, o local de uma determinada visão sobre o mundo. O reconhecimento da mesma estrutura faz com que Lúcia, Helena, Joana e Pedro vejam o Anjo como um ser que, como eles, elabora e significa. Por essa razão, podem partilhar com ele suas percepções, experiências e compreensões. Encontram no corpo do Anjo um prolongamento de seu próprio corpo. O reconhecimento de um corpo, lugar de significações, possibilita a comunicação. A expressão e o olhar, os gestos e a própria presença do Anjo comunicam sentimentos e intenções, ao mesmo tempo em que seus corpos, gestos, sons e sonhos são compreendidos pelo Anjo.

Mesmo tendo um corpo como o humano, o Anjo não é visto como um homem. Para Sullivan (2004), a manifestação física do Anjo na forma humana é um elemento importante na comunicação, mas não implica necessariamente a sua equiparação com o ser humano. A forma que os anjos assumem nas suas aparições iniciais é frequentemente antropomórfica, para o benefício da pessoa a quem aparece. Com a forma humana, há menos impedimentos ou resistência.

A forma humana do Anjo para Joana, Helena, Pedro e Lúcia apresenta simultaneamente semelhanças e diferenças. Seu corpo não é da mesma matéria, não tem o mesmo funcionamento, tem luz própria, asas e é capaz de voar, tem outra origem e outras funções. Para Helena, ele é mensageiro do divino, para Pedro, uma energia de cura e para Lúcia, um cuidador de almas. Mesmo sob a forma humana, é um ser de outra natureza, participando da vida terrena e simultaneamente da vida divina.

Ver o corpo do Anjo faz com que suas qualidades retornem para si mesmos e eles vivam percepções e conhecimentos diferentes dos usuais.

3.2.4 Conhecimento intuitivo

*Fechei os olhos no sol, vi a forma-prima
Por um segundo só e esqueci.*

(Adélia Prado, 1991, p. 246).

A presença dos anjos não é apreendida por vias racionais. Joana, Pedro, Helena e Lúcia intuem a presença angélica e por momentos liberam em si mesmos as suas qualidades. Veem o que é invisível, ouvem o que não é dito, conhecem o futuro, intuições que se dão em relances, pois a abertura logo se fecha. A presença do Anjo possibilita vivências que ultrapassam o âmbito racional e permitem o gesto criativo e transformador. A partir dessa vivência, Joana, Pedro, Helena e Lúcia reavivam comportamentos religiosos, escolhem imagens, objetos, orações como sinais que lembram no cotidiano as possibilidades transformadoras da experiência religiosa. Eles incluem no seu espaço de vida comportamentos difíceis de serem compreendidos por vias exclusivamente racionais. A presença dos símbolos e mitos, a lembrança da experiência apela para a confiança nesse conhecimento sensível e intuitivo.



A passagem entre a captação intuitiva e a elaboração racional permite reconhecer o Anjo como um elemento de sua cultura e refletir sobre o que ele viu em suas vidas. Os produtos dessa elaboração são tomados como verdadeiros e integram o modo da pessoa ver a si mesma e a sua vida. No caso de Helena, a elaboração da experiência é dificultada pelo medo, e um sentimento de dor continua presente.

Para Joana, Helena e Pedro a apropriação reflexiva provoca alegria, calma e maior tranquilidade, e um sentimento simultâneo de aumento e de diminuição do controle sobre o próprio self.

3.2.5 Controle e entrega

*Numa bandeja de prata, foi-se a cabeça de João.
Que a nossa role também,
Que os anjos digam amém*
(Adélia Prado, 199, p. 294).

A presença do Anjo é figura contra o fundo do sono, do sonho, da atividade corriqueira e traz mudanças no sentimento de controle sobre a própria vida. O sentimento de maior controle sobre a existência aumenta a partir da percepção de condições e qualidades que sustentam o seu modo de estar no mundo: competência para Joana, saúde para Pedro, família para Lúcia. O Anjo reconhece e avalia essas qualidades, possibilitando que confiem nelas em seu dia a dia. Joana torna-se mais capaz, Lúcia, mais feliz e Pedro, mais saudável. Simultaneamente, o sentimento de maior controle sobre a sua vida estabelece-se com base em um sentimento de falta de controle.

A vinda do Anjo não é prevista, nem planejada. Como diz Lúcia, "pode-se desejar que ele venha, mas não se sabe se isso voltará a acontecer". Sua presença e as mudanças que provoca escapam ao controle. Sua ação ocorre à revelia deles mesmos, nem ela nem seus efeitos podem ser previstos. E o fato do Anjo ser visto como um ser que possui qualidades acima das humanas, agindo na vida dos homens, coloca em realce a pequenez, limitações e vulnerabilidade da vida humana. O poder angélico é sentido como protetor por Joana, Pedro e Helena e como perigoso por Lúcia, que sente medo.

3.2.6 As emoções

A conexão entre experiências religiosas e emoção é citada historicamente nos trabalhos de Psicologia da Religião.

Emoções prazerosas de gratidão, amor, calma e alegria são frequentemente associadas às experiências religiosas. Elas estimulam tendências para pensar e agir – brincar, explorar, saborear e integrar. Alargam o contexto cognitivo e ajudam as pessoas a encontrarem significados positivos nos eventos diários, assim como nos eventos mais importantes de suas vidas, aumentam a resiliência, o otimismo e os relacionamentos afetivos (Emmons, 2005). Assim, Joana torna-se mais confiante em seu trabalho e cria um espaço de apoio e intimidade com a amiga quando olham para a imagem do Anjo em sua mesa de trabalho. Pedro enfrenta dúvidas sobre sua saúde e toma a atitude de fazer um check-up e cuidar da alimentação. Helena sente-se confirmada na atividade lúdica e amorosa e continua brincando com os filhos, sentindo que "isso é bom". Lúcia tem medo, falta-lhe coragem diante do Anjo, que é mais poderoso e mais forte do que ela. Diante dele, sente-se frágil e impotente, e tem medo de morrer. O medo nas manifestações do Sagrado, para Otto (1992, p. 164) é o modo como a experiência se apresenta de imediato, "sem ter passado ainda pela reflexão, quando o sentimento ainda não desenvolveu o seu conteúdo, nem ele próprio se explicou". Kearney e Lafont (1997) propõem outro modo de compreender o medo e o medo da morte, que segundo eles, é frequente nas manifestações divinas. Para eles, assim como qualquer emoção, o medo tem conotações na história psicológica individual, mas revela, também, o reconhecimento da força do divino e "um desejo de morte" entendido como o desejo desse Deus Outro, que não se pode ver sem amar e sem morrer. Assim, o momento da morte de Cristo na Cruz, é o momento da comunhão e do amor perfeitos.



Lúcia defronta-se com o “excesso de sentido”, o Anjo que pode mudar sua vida colocando-a a serviço de outros desígnios que não os seus. Sua grandeza torna-o insustentável ao olhar.

4. Conclusões

A discussão da análise das entrevistas aponta para um eixo organizador da experiência de contato com um anjo: a interrupção do mundo natural e exposição à alteridade.

Kearney e Lafont (1997) falam da interrupção como uma característica da palavra de Deus. Comentam que, ao se ler a Bíblia, observa-se um convite contínuo à interrupção do desenvolvimento “normal” de um certo tipo de racionalidade, de uma lógica do Si Mesmo.

A interrupção para todos os entrevistados decorre de um olhar, que é sentido como o olhar de um outro que os surpreende. Esse olhar observa o cotidiano; a preocupação de Joana e da amiga ante o trabalho, o sono sem sonhos de Helena, a leitura de Pedro, o brincar com os filhos de Lúcia. A interrupção, provocada por esse olhar “de fora”, atinge-os e obriga-os a se recolocarem diante do seu modo de estar-no-mundo. Joana restabelece a confiança em sua capacidade profissional, Pedro, em sua resistência física, Lúcia, nas suas relações familiares e Helena defronta-se com o desejo e temor de um encontro com o outro. Esses momentos de interrupção, no qual a vida “normal” é vista por um Anjo, conservam-se em suas memórias como pontos de transformação do cotidiano e passam a ser representados por imagens, atos e palavras que têm a função de lembrar que um processo de re-visão e re-tomada da própria vida é possível. Para Joana, o Anjo de vidro sobre sua mesa significa proteção, Pedro lê o livro dos anjos certo de que eles agem positivamente em sua vida, Lúcia compra travesseirinhos com orações para que os filhos também possam se relacionar com os anjos que os acompanham e Joana espera que o Anjo a visite de novo, para que ela possa recebê-lo.

Os anjos irromperam o cotidiano dos entrevistados com uma participação ativa e possibilitaram que experimentassem em si mesmos capacidades pouco usuais. Joana ouve o Anjo sem que ele precise falar, Helena sente a força do Anjo sem que ele a toque, Pedro e Lúcia veem um Anjo que sabem que é invisível. No contato com o Anjo, cada um deles o reconhece e é simultaneamente reconhecido por ele, que testemunha o seu modo de ser. Dessa forma cada um deles reconhece a si mesmo. O Anjo aparece como um outro que é um si-mesmo ou como um si-mesmo que é também um outro. A interrupção atravessa o desenrolar usual de suas vidas e permite que cada um se afaste e se reaproxime de si com uma nova visão, experimentando a vida como possibilidade de ampliação e mudança. A presença do Anjo caracteriza um processo de transformação.

A dualidade presente entre o outro e o si-mesmo encontra-se também nas dualidades do tempo vividos na experiência: de um tempo infinito na finitude, de um espaço maior no menor, da intuição e reflexão simultâneos, de uma objetividade no espaço subjetivo. Embora as dualidades possam ser compreendidas em termos winnicottianos como experiências que se dão em um espaço potencial, prolongamento do espaço transicional vivido nos início da vida, a vivência ultrapassa os conceitos psicológicos.

O aparecimento do Anjo traz em si um excesso de doação, assinalado pela surpresa. Para Marion (1992), a surpresa atinge porque o que vem é conhecido apenas parcialmente e se impõe com uma força tal que submerge. O Anjo surge sem medida, sem se anunciar nem se explicar. Impõe-se como interrupção exatamente pela impossibilidade de se deixar apreender em seu todo. Porque não há nenhum conceito que abarque totalmente o Anjo, a pessoa perde sua anterioridade e descobre-se destituída da possibilidade de constituição e assim ela mesma é levada a se re-constituir. Não pode simplesmente admitir o fenômeno da presença do Anjo e, não podendo constituí-lo objetivamente em seu mundo, precisa re-constituir a si mesma. Surpreendida pela experiência que a separa de si, ela se interroga. A revelação do Anjo é, assim, uma revelação sobre si mesma.

Como diz São Tomás de Aquino (1265-1273/1962): “estes nossos angélicos irmãos mais velhos nos oferecem uma multiplicidade de ensinamentos, nos ensinam muito sobre Deus, cuja imagem ostentam, e muito sobre nós mesmos” (p. 95).



Referências

- Aletti, M. (2005). Religion as an illusion: prospects for and problems with a psychoanalytical model. *Archive for the Psychology of Religion*, 27, 1-18.
- Amatuzzi, M. M. (2008). *Por uma psicologia humana* (2ª ed.). São Paulo: Alínea. (Original publicado em 2001).
- Augras, M. (2004). Devoções populares: arcaísmo ou pós-modernidade? Em G. J. Paiva & W. Zangari (Org.). *A representação na religião: perspectivas psicológicas* (pp. 195-216). São Paulo: Edições Loyola.
- Emmons, R. A. (2005). Emotion and religion. Em R. F. Paloutzian & C. L. Park (Org.). *Handbook of the psychology of religion and spirituality* (pp. 235-252). New York: The Guilford Press.
- Forghieri, Y. C. (2007). *Aconselhamento terapêutico: origens fundamentos e prática*. São Paulo: Thomson Learning.
- Grün, A. (2005). *50 Santos*. São Paulo: Loyola.
- Husserl, E. (1986). *A idéia da fenomenologia* (A. Morão, Trad.). Porto, Portugal: Edições 70. (Original publicado em 1907).
- Husserl, E. (2006). *A crise da humanidade européia e a filosofia* (P. M. S. Alves, Trad.). Lisboa: LusoSofia. (Original publicado em 1935).
- Kearney, R. & Lafont, G. (1997). *Il desiderio di Dio*. Milano: San Paolo.
- Marion, J. (1992). Le phénomène saturé. Em M. Henry, P. Ricoeur, J. Marion & J. Chrétien (Org.). *Phénoménologie et théologie* (pp. 79-128). Paris: Critérion.
- Merleau-Ponty, M. (1971). *Fenomenologia da percepção* (R. Di Piero, Trad.). Rio de Janeiro: Freitas Bastos. (Original publicado em 1945).
- Merleau-Ponty, M. (1973). *Ciências do homem e fenomenologia* (S. T. Muchail, Trad.). São Paulo: Saraiva. (Original publicado em 1945).
- Otto, R. (1992). *O sagrado* (J. Gama, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1917).
- Prado, A. (1991). *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano.
- Rizzuto, A. M. (1996). Psychoanalytic treatment and the religious person. Em E. P. Shafranske (Org.). *Religion and the clinical practice of psychology* (pp. 409-432). Washington: American Psychological Association.
- Sullivan, K. P. (2004). *Wrestling with angels: a study of the relationship between angels and humans in ancient Jewish literature and the New Testament*. Leiden: Brill.
- Tomás de Aquino (1962). *Doctrina teológica*. (F. G. A. Gutierrez, O.P., Trad.) Madrid: Ediciones Rialp. (Original publicado em 1265-73).
- Vergote, A. (2006). *Humanité de l'homme, divinité de Dieu*. Paris: Du Cerf.



Lopez, M. A. (2010). Significados de experiências de devoção: a crença em anjos. *Memorandum*, 19, 39-26-39. Retirado em / / , da World Wide Web <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a19/lopez01>

Winnicott, D. W. (2000). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. Em D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 316-331). (D. Bogomoletz, Trad.). São Paulo: Imago. (Original publicado em 1958).

Nota sobre a autora

Marília Ancona Lopez é doutora em Psicologia Clínica, professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde orienta dissertações e teses na interface da Psicologia e da Religião. Vice-Reitora da Universidade Paulista. Contato: ancona1@terra.com.br

Data de recebimento: 25/11/2009
Data de aceite: 26/10/2010